



ENSINO REMOTO E COTIDIANO DAS EDUCADORAS

Rozilda Pereira Barbosa ¹
Valquíria Soares Mota Sabóia ²

INTRODUÇÃO

O trabalho: Ensino remoto e cotidiano das educadoras, objetiva refletir a nova configuração do trabalho pedagógico no contexto de isolamento social em virtude do alto potencial de contágio do novo coronavírus. Apresenta o trabalho da mulher professora como foco principal de análise na tentativa de compreender a rotina trabalhista feminina docente enredada pelas ocupações domésticas historicamente feminizadas.

A pesquisa justifica-se em sua relevância por refletir a atividade docente feminina imbricada no cotidiano doméstico, onde as mulheres assumem diversas identidades e inúmeros afazeres que podem levar-lhes a exaustão e ao adoecimento.

A abordagem de cunho qualitativo baseada em um percurso predominante bibliográfico incorpora o olhar sobre a realidade de professoras da educação básica e superior

Os resultados apontam para precarização, sobrecarga de trabalho, exaustão das mulheres, mas também para a ressignificação da prática pedagógica e novas aprendizagens em contexto estrutural inóspito e levam a conclusão: a despeito dos conflitos e tensões, mesmo em condições extremas a mulher professora mantém o compromisso identitário com a docência, sem negar as múltiplas faces assumidas no cotidiano.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A construção metodológica segue uma abordagem qualitativa prezando pelo percurso bibliográfico, incorpora o olhar avaliativo e reflexivo sobre a realidade de professoras da educação básica e superior dialogando com as perspectivas teóricas de Araujo e Yannoulas (2020), Macêdo (2020), Dotta e Tomazoni (2015) e amparado pelos dados do Relatório Técnico do Gestrado (2020).

¹Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE; Especialista em Psicopedagogia pelo INTA e em Gestão Pedagógica na Escola Básica pela UECE;. Professora substituta na Faculdade de Educação de Crateús – FAEC/UECE, rozibarbosa@yahoo.com.br ; rozilda.barbosa@uece.br

² Professora efetiva na Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Crateús; Mestra e Doutoranda pela Universidade Interamericana/Assunção - PY, valquiriamota28@hotmail.com



REFERENCIAL TEÓRICO

A força feminina sempre se fez presente e necessária na construção da sociedade, a figura feminina historicamente é por vezes idealizada, ofuscada ou dominada por uma cultura machista que busca negar-lhe o direito de igualdade.

A mão-de-obra feminina ao longo dos séculos tem sido explorada, desde o modelo escravocrata fazendo uso da força de trabalho da mulher e negando-lhe inclusive o direito sobre seu corpo e sua prole, até o modelo capitalista que a transforma em operária mal remunerada, super expõe sua imagem em um processo midiático de erotização e sensualidade ou lhe sobrecarrega com a exigência de ser uma ‘Super Mulher’, notável e de sucesso.

No cenário educacional brasileiro a figura feminina experimentou de início a sua exclusão ao processo de educação formal, e muito tempo depois vivenciou a lenta inserção no sistema de ensino, que além de lenta apresentava-se repleta de restrições e limitações pedagógicas e sociais.

Sobre o assunto em pauta Dotta e Tomazoni (2015) analisando Stamatto (2014) identificam que no Brasil colonial a educação se restringia a formação da elite branca e masculina, as mulheres eram excluídas do processo educativo sob a justificativa de sua destinação ao lar, família e casamento, sendo assim relegadas, quando muito, à catequese.

No contexto presente a atuação feminina no magistério tem se mostrado predominante, transformando o Brasil em um país de professoras, todavia é importante destacar que a maioria do professorado feminino dá-se na educação básica, na docência do ensino superior as mulheres ainda são minoria.

Dados do censo escolar de 2020 afirmam a perspectiva acima, pois revelam que na educação infantil brasileira, as mulheres representam 96,4% dos docentes, nos anos iniciais e finais do ensino fundamental respectivamente 88,1%, e 66,8%, no ensino médio 57,8%, já no ensino superior, em conformidade com o IBGE as mulheres representavam em 2019 46,8% dos docentes. É perceptível pelos números expostos que a atuação feminina na docência reduz-se a medida que eleva-se o nível de ensino.

No ano de 2020 professores e professoras, trabalhadores e trabalhadoras da educação de modo geral foram desafiados à reconfiguração do trabalho docente, isto porque, o trabalho antes desenvolvido por esses sujeitos no espaço público da escola, em virtude da disseminação da Covid-19 teve que ser transferido para o espaço privado do lar, o referido modelo de ensino tem se estendido para a realidade pedagógica de 2021, dado o lento processo de imunização da população.



As mulheres historicamente são menos privilegiadas na divisão social do trabalho e a feminização de determinadas ocupações, a exemplo das atividades domésticas e cuidados com os sujeitos inseridos no lar, crianças, idosos e mesmo jovens intensificaram-se durante a pandemia, neste prisma Araujo e Yannoulas (2020, p.758) relatam que “Exaustão é a palavra mais utilizada pelas mulheres em tempos de pandemia”

Para muitas professoras a execução de atividades privadas dentro do lar não representa exatamente uma novidade inerente ao ensino remoto, e sim uma intensificação; a parte se transformou no todo, pois mesmo antes do isolamento social um grande número de professoras já vivenciava dupla, tripla jornada e a conciliação de tarefas. Estudo realizado por Borsoi e Pereira (2011), referendado por Macêdo (2020, p.190) constatam que:

[...] professores homens e professoras mulheres lidam de forma diferente com suas atribuições. As mulheres estavam mais propensas a maiores jornadas de trabalho; a dividirem/sobreporem necessidades profissionais e incumbências domésticas, flexibilizando o uso do tempo privado; e a sofrerem e/ou adoecerem psicologicamente.

Em se tratando de trabalho docente na conjuntura atual o Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (GESTRADO/UFMG) realizou uma pesquisa objetivando conhecer os efeitos das medidas de isolamento social sobre o trabalho docente.

O estudo do Gestrado (2020) teve como foco profissionais da educação básica, todavia, percebe-se na luta cotidiana que a realidade de docentes do ensino superior não é tão diversa da explicitada no relatório técnico do Gestrado. Os dados da pesquisa em foco foram coletados no período de 08 a 30 junho de 2020, abrangendo todos os estados brasileiros e as mulheres representam 78% dos respondentes, o que revela claramente a majoritária presença da mulher na educação básica brasileira.

Sobre a utilização de tecnologias digitais, condição primária ao desenvolvimento do ensino remoto, consoante o Gestrado (2020, p.09) evidenciou-se “[...] o caráter de novidade trazido pela realização de aulas a distância. Adicionalmente, revelou-se a ausência de formação específica para grande parte dos(as) professores(as)”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A inserção da mulher no mercado de trabalho, o seu direito a educação e a igualdade de gênero é uma luta histórica, constante e atual. Os espaços sociais, para além do lar, acadêmicos e profissionais ocupados atualmente por mulheres é fruto de luta, resistência,



persistência e consciência de que a luta não pode parar sob pena de grave retrocesso no concernente as conquistas efetivadas. A reversão do hiato de gênero traduziu-se socialmente em maior presença da mulher em todos os níveis acadêmicos e em diversos espaços profissionais.

A partir dos estudos referendados por Macêdo (2020) e leituras recentes que consideram o trabalho docente no isolamento social percebe-se que as professoras tiveram uma intensificação de atividades pedagógicas dentro do lar, caminhando da preparação à execução das aulas e as devolutivas de trabalhos, neste tripé, o elemento realmente novo é a execução das aulas.

Os dados da pesquisa obtidos pelo GESTRADO (2020) denotam as dificuldades e a precarização das condições de efetivação do processo de ensino e do processo de aprendizagem, posto que em um lado do sistema encontram-se professores com recursos tecnológicos, porém inseguros quanto a formação e preparo para utilização dos referidos recursos.

Do outro lado do mesmo sistema existem alunos em uma realidade ainda mais extrema “Na visão dos profissionais, 1 a cada 3 estudantes não possui acesso aos recursos para acompanhamento das aulas e realização das atividades o que constitui um entrave para a realização do ensino remoto” (GESTRADO 2020, p. 12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os impactos do ensino remoto no cotidiano de mulheres professoras formam uma teia de limites e possibilidades, desafios, aprendizagens, conciliação de atividades públicas com cuidados familiares e tarefas domésticas.

A reconfiguração do trabalho pedagógico, da preparação a execução da aula desenvolvendo-se no espaço doméstico, tem exigido das professoras capacidade de se reinventar, habilidade e coragem para aprender a dizer um ‘Não’ em determinados momentos e situações na tentativa de manter a lucidez.

Face o exposto os resultados da pesquisa intitulada “Ensino remoto e cotidiano das educadoras” apontam para precarização, sobrecarga de trabalho, exaustão das mulheres, mas também para a ressignificação da prática pedagógica e novas aprendizagens em contexto estrutural inóspito e levam as seguintes conclusões: a despeito dos conflitos e tensões, mesmo em condições extremas a mulher professora mantém o compromisso identitário com a docência, sem negar as múltiplas faces assumidas no cotidiano.



Palavras-chave: Ensino Remoto, Cotidiano, Educadoras, Prática Pedagógica.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sâmara Carla Lopes Guerra de; YANNOULAS, Silvia Cristina. Trabalho docente, feminização e pandemia. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 754-771, set./dez. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>. Acesso em: 03 jun. 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020**: resumo técnico [recurso eletrônico] – Brasília: Inep, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2020.pdf. Acesso em: 24 jun. 2021

DOTTA, Alexandre Godoy; TOMAZONI, Larissa Ribeiro. A condição da mulher no espaço educacional brasileiro: aspectos históricos sociais da trajetória feminina. In: **XII Congresso Nacional de Educação**, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19934_11310.pdf. Acesso em: 03 jun. 2021.

GESTRADO. **Trabalho docente em tempos de pandemia**: relatório técnico. Belo Horizonte: UFMG, 2020. Disponível em: https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/cnte_relatorio_da_pesquisa_covid_gestrado_v03.pdf Acesso em: 03 jun. 2021.

IBGE. Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil 2º ed. **Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica**. n.38. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em: 24 jun. 2021.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia covid-19: tecendo sentidos. **Rev. Nufen: Phenom. Interd**, vol12.nº02rex.33. Belém, 12(2), 187-204, mai.– ago., 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012. Acesso em: 03 jun. 2021.